

Gramáticas filosófico-gerais portuguesas e espanholas: aspectos sintácticos

1. Benito Jerónimo Feijóo e Luís António Verney são dois nomes do iluminismo espanhol e português, respectivamente, que fazem parilha em muitos estudos sobre a cultura setecentista que, em ambos os países, conduziu ao movimento das gramáticas filosóficas no dobrar do século XVIII. Cada um deles, à sua maneira¹, criou pontes entre as duas culturas vizinhas em fase de reformas científico-filosóficas, que os mesmos promoveram; cada um deles protagonizou no país vizinho o papel do estrangeirado moderno², ainda que, no caso, intérprete de uma cultura (tanto a portuguesa, como a espanhola) divorciada da Europa evoluída; finalmente, ambos perfilharam uma genealogia de ideias que, filiadas na *Grammaire de Port-Royal* (1660), se prolongarão, já sob a herança do inglês John Locke, num segundo movimento da gramática geral em torno de Condillac e dos enciclopedistas, com continuidade destes nos debates filosóficos das primeiras décadas do século XIX sobre a Ideologia. Nesta mesma cronologia se centra este trabalho, que visa averiguar linhas de continuidade e/ou fractura que, a exemplo dos citados iluministas, podem ser detectadas no subsequente pensamento gramatical espanhol e português. Procurar-se-á verificar se o paralelismo e as afinidades existentes entre os dois países durante as Luzes valem de igual forma para o período das gramáticas filosóficas.

Admite-se, com diversos autores, que entre o racionalismo gramatical portroyalino e a “linguistique condillacienne” (Joly, 2004: 28 e ss.), que campeou até meados de Oitocentos, não existe solução de continuidade. O cariz empirista e sensista da época das luzes, sob os corifeus Locke e sobretudo, mais tarde, Condillac, com os quais dialogaram os autores da *Encyclopédie* (veja-se, por exemplo, o seu “Discours Préliminaire”), altera a tese cartesiana de um pensamento anterior à linguagem, que agora “apparaît comme la condition d’existence de la pensée” (*Idem*: 37), a partir de experiências e de sensações vividas. Mas nem por isso é negado o tributo à tradição de

¹ Feijóo ocupou-se com matérias de língua e literatura portuguesas (cf. *Teatro critico universal*, 1778 [1726], Tomo I, Discurso XV e *Cartas eruditas, y curiosas*, 1774 [1753], Tomo IV, “Dedicatória”); já as observações de Verney a respeito de Feijóo se restringem a um certificado negativo do seu valor científico e didáctico (cf. *Verdadeiro método de estudar*, 1950 [1746], Vol. III, Carta IX).

² O comentário de António Alberto de Andrade é elucidativo: “a presença de Feijóo foi benéfica, para atear ainda mais o incêndio que já lavrava entre os intelectuais portugueses, se é que não está na raiz desse movimento” (1966: 142). Quanto a Verney, cujo *Verdadeiro método de estudar* foi traduzido para castelhano em 1760, Jiménez García (1990: 253-281) atesta o desenvolvimento das ideias de Bacon, Newton e Locke através da difusão das teses empiristas do autor português na cultura espanhola da segunda metade do século.

Port-Royal. Os autores ibéricos e nomeadamente Verney distinguem-se pela inclinação para as soluções ecléticas (cf. Gómez Asencio, 1981: 19) por efeito de uma contaminação entre o passado gramatical e a nova ciência experimental, síntese de saberes que, em certa medida, constitui um traço de independência teórica. A este respeito, os gramáticos espanhóis puderam estanciar na própria tradição gramatical, onde, sob a orientação doutrinária de Francisco Sánchez de las Brozas, as ideias de universalidade e racionalismo gramaticais tinham avançado terreno ainda antes dos cartesianos de Port-Royal. O actual desfasamento em relação aos ideólogos franceses actuou em sentido contrário no que toca ao pioneirismo da gramática que colocou em lugar cimeiro o postulado das causas lógicas e racionais da linguagem. Gramáticos espanhóis e portugueses da época das luzes não deixaram de assinalar a originalidade, com o mesmo apazimento que lhe tributarão os filósofos do século XIX (cf. *infra*, Quadro 1, “Fontes gramaticais citadas”). O valenciano Benito San Pedro ou o próprio Verney consideraram o trio formado por Gaspar Schopp, Gérard-Jean Vossius e Port-Royal um produto de tradição e de importação da *Minerva*³. A via eclética de Verney delineia-se no diálogo simultâneo com, por um lado, a corrente da gramática *geral, racional, universal* do Brocense e da tradição portroyalina (cf. Torres, 1998: 131 e ss.), e, por outro, o empirismo de Locke⁴, que a subsequente linguística condillaciana levou mais longe quando sobrepôs o conhecimento experimental ao conhecimento reflexivo lockeano. Acentuando o papel da experiência, das sensações e da percepção humana no desenvolvimento da linguagem e do pensamento, Condillac situou-se no contexto doutrinário dos ideólogos, para os quais a natureza receptiva dos sentidos constituía a origem das ideias e a raiz do conhecimento, em geral: “Dès que nous sommes nés, dès que nous sentons, nous exprimons ce que nous sentons; nous parlons; nous avons un langage” (Tracy, 1803: 20)...

³ Na *Arte del romance castellano dispuesta segun sus principios generales i el uso de los mejores autores* (Valência, 1769), escreveu San Pedro: “Este es el método que me e propuesto seguir imitando al de Francisco Sanchez de las Brozas en su *Minerva* sobre la union de las partes de la oracion Latina, por la cual mereció ser llamado Padre de las Letras, i Restaurador de las Ciencias, i en el dia es seguido universalmente con singular honor i gloria de nuestra Nacion de todos los Estrangeros, i hombres sabios de nuestro Siglo: aviendole casi copiado Vossio, i explicado Sciopio i Perizonio: como tambien el cèbre Lanceloti Autor del nuevo methodo de Puerto Real” (“Prologo”, p. XI). Para Verney “Gerardo João Vóssio (...) explicou ainda melhor o dito método [segundo princípios da gramática filosófica], seguindo em tudo Sanches e Scioppio, os quais, ou copia, ou ilustra” (1949: I, 147).

⁴ Como já observou António Salgado Júnior nas notas à edição do *Verdadeiro método de estudar*, afirmações como “Os que defendem ideias inatas, que mostrem alguma que não entre pelos sentidos, ou não se deduza das ideias que entraram por eles” (Verney, 1950: III, 82-83) subordinam-se totalmente a Locke, para quem “os sentidos deixam entrar as ideias particulares e com elas como que abastecem um armário ainda vazio” (Locke, 1999: I, 39).

Quadro 1

Sintaxe

Gramáticas	Conceito de sintaxe	Conceito de proposição	Concordância e regência	Sintaxe natural e sintaxe figurada
------------	---------------------	------------------------	-------------------------	------------------------------------

Bacelar, 1996 [1783]	<p>“As partes essenciaes da <i>Grammatica</i> são três. A primeira he o <i>som</i>, que representa o <i>Agente</i>, ou Nominativo: a segunda o <i>som</i>, que mostra a <i>Acção</i>, ou verbo: e a terceira o <i>som</i>, que faz as vezes de <i>Accionado</i>, paciente, ou caso” (p. 59).</p>	<p>“estes três únicos sons compõem a Oração, (ou são a preposição [sic]) que he a unica cousa, que o Grammatico pretende fazer” (p. 59).</p>	<p>“<i>Da accommodação, ou Concordancia dos Adjuntos com o Agente, ou Nominativo</i>” (p. 92); “<i>Da accommodação do accionado, ou do Paciente á Acção ou ao Verbo</i>” (p. 151).</p>	<p>“ajuntamos a <i>Grammatica Simples</i> com a <i>Grammatica Figurada</i>, reduzindo neste cap. e nos sobreditos §.§. a verdadeira <i>Grammatica</i> os barbarismos, solecismos, idiotismos, e as figuras Pleonasmos, Hyperbaton, Ellipse com as suas subalternas” (p. 158).</p>
Calleja, 1818	<p>“La sintáxis (...) nos enseña el orden con que hemos de usar de las palabras ya prescribiendonos reglas para su colocacion, ya indicandonos el orden de dependencia que tienen unas de otras, y ya fijando el uso de aquellas que deben servir para enlazarlas á todas entre sí” (p. 96).</p>	<p>“de la union de las palabras resultan las frases y las proposiciones; y de estas los periodos” (p. 103).</p>	<p>“tres clases de concordancia: <i>de sustantivo</i> y <i>adjetivo</i>, <i>de nombre</i> y <i>verbo</i>, y <i>de relativo</i> y <i>anteecedente</i>” (pp. 99-100); “Las partes de la oracion que tienen régimen son: <i>el nombre</i> y <i>pronombre</i>, <i>el verbo</i>, <i>la preposicion</i>, <i>la conjuncion</i> y <i>algunos adjetivos</i>” (p. 104).</p>	<p>“La construccion figurada es la que invierte las reglas gramaticales para dar gracia y energía á la frase, y no pocas veces mayor claridad” (p. 115).</p>
Melo, 1818	<p>“<i>Sintasse</i> ou <i>Construcção Gramatical</i>; em que se-trata da combinação dos vocábulos para se-formarem as <i>Frases</i>, da combinação das <i>Frases</i> para se-formarem os <i>Períodos</i>, e por último, da combinação dos <i>Períodos</i> para se-formar o <i>Discurso</i>” (pp. IV-V).</p>	<p>“A essência d’um juizo consiste (...) n’uma afirmação” (p. 13); “o concurso de tres <i>juizos</i> forma o, que se-chama <i>raciocínio</i>, cujo artifício consiste neste <i>princípio</i>: <i>duas cousas, convindo a uma terceira convejem entre si</i>: donde, o <i>raciocínio</i> é um composto de tres afirmações ou <i>proposições</i>” (p. 23).</p>	<p>“A combinação dos <i>vocábulos</i>, para a expressão dos nossos <i>juizos</i>, requer o conhecimento da relação de <i>concordância</i> e de <i>dependência</i>, que ouver entre eles; e este objeto é toda a matéria da construção do <i>discurso</i>” (p. 17).</p>	<p>“<i>Das Figuras de Construção</i>. As <i>Frases</i>, em que se-não-observam fielmente as regras geraes da construção do <i>Discurso</i> chamam-se <i>Frases usuaes</i>, ou construídas segundo o uso; e consequentemente defeituosas, apezar de taes <i>frases</i> sêrem autorizadas pelo génio da lingua e pelo emprêgo, que delas fazem os Eruditos” (p. 250).</p>
Barbosa, 2005 [1822]	<p>“<i>Syntaxe</i> quer dizer <i>Coordenação</i>; e chama-se assim esta parte da <i>Grammatica</i>, que das palavras separadas ensina a formar e compor huma oração, ordenado-as segundo as relações ou de conveniencia, ou de determinação, em que suas ideas estão humas para as outras” (p. 362).</p>	<p>“<i>Oração</i>, ou <i>Proposição</i>, ou Frase (pois tudo quer dizer o mesmo) he qualquer juizo do entendimento, expressado com palavras” (p. 363).</p>	<p>“assim como a relação de <i>Identidade</i> entre as ideias he o fundamento da <i>syntaxe</i> de concordancia, assim a relação de <i>Determinação</i> entre as mesmas he o fundamento da <i>syntaxe</i> de regencia” (pp. 392-</p>	

- Lacueva, 1832 “La parte de la gramática que tiene por objeto el orden que se debe colocar las palabras; las variaciones que deben sufrir por causa de sus relaciones mútuas, y el modo de enlazar unas con otras, para que se pueda espresar con ellas con claridad y exactitud los pensamientos, ha sido llamada *sintáxis*” (p. 71).
- “aunque un juicio manifestado por cualquiera de los medios que hemos indicado [gestos, movimientos, tactos] ó por otro, sea realmente una proposicion, llamamos por antonomasia *proposicion á la expresion de un juicio por medio de palabras*” (p. 4).
- “Las tres diferentes partes que comprende la *sintáxis* (...) se distinguen con los nombres de *construcción*, *concordancia* y *régimen*” (p. 71).
- Gómez Hermosilla, 1841 [1835] “bajo este título [*sintáxis/coordinacion*] se trata en las gramáticas particulares, no solo del orden con que al hablar deben colocarse las palabras, sino de las otras condiciones necesarias para que enuncien fiel y completamente el pensamiento que se desea comunicar” (p. 133).
- “la enunciacion de un pensamiento, que en lógica se llama *proposicion*, es la que en gramática se ha intitulado *oracion*, porque se hace por medio de signos *orales*” (p. 133).
- “En aquellas [gramáticas particulares] es necesario entrar en todos los pormenores de la concordancia y el régimen, y dar reglas positivas; en esta [gramática general] solo pueden hacerse algunas observaciones generales que no son preceptos para ningun idioma determinado, por lo mismo que se refieren á todos” (p. 172-173).
- “el orden en que se nos presentan las ideas es de dos especies, el del raciocinio, y el de la imaginación; los cuales, en consecuencia, se llaman, con bastante propiedad, *lógico* el 1º y *oratorio* el 2º” (p. 178).

Quadro 2

Bibliografía

- ABELLÁN (1984-1991), José Luis: *Historia crítica del pensamiento español*, 7 vols, Madrid, Espasa-Calpe.
- AUROUX (1992), Sylvain (dir.): *Histoire des idées linguistiques*, T. II, Liège, Mardaga.
- BACELAR (1996) [1783], Bernardo de Lima e Melo: *Gramática filosófica da língua portuguesa*, Ed. fac-similada, Introdução e notas de Amadeu Torres, Lisboa, Academia Portuguesa da História.
- BARBOSA (2005) [1822], Jerónimo Soares: *Gramática filosófica da língua portuguesa*, Ed. anastática, comentário e notas críticas de Amadeu Torres, Braga, Universidade Católica Portuguesa.
- BEAUZÉE (1767), Nicolas: *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage*, 2 vols., Paris, J. Barbou.
- CALAFATE (2002), Pedro (dir): *História do pensamento filosófico. As Luzes*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores.
- CALLEJA (1818), Juan Manuel: *Elementos de gramática castellana*, Bilbao, por Pedro Antonio de Apraiz.
- CASSIRER (1970) [1932], Ernest: *La linguistique des lumières*, Paris, Fayard.
- CONDILLAC (1947) [1775], Étienne Bonnot de: *Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme*, in *Œuvres philosophiques de Condillac*, vol. I, texte établi et présenté par Georges le Roy, Paris, PUF.
- CONDILLAC (2006) [...], Étienne Bonnot de: *La logique suivie de l'art de raisonner*, T. I, Elibron Classics.
- DESTUTT (1803), comte de Tracy, Antoine Louis-Claude: *Éléments d'idéologie. Seconde Partie. Grammaire*, Paris, Courcier.
- GÓMEZ ASENCIO (1981), José Jesús: *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771-1847)*, Salamanca, Acta Salmanticensia.
- GÓMEZ ASENCIO (2001), José Jesús (comp.): *Antiguas gramáticas del castellano*, Introducción y selección de José Jesús Gómez Asencio, Madrid, Colección "Clásicos Tavera", Fundación Histórica Tavera – DIGIBIS, CD-ROM.
- GÓMEZ HERMOSILLA (1841) [1835], Jose: *Principios de gramática general*, 3ª ed., Madrid, Imprenta Nacional.
- HARRIS (1972) [1751], James: *Hermès ou recherches philosophiques sur la grammaire universelle*, Traduction et remarques par François Thurot (1796), Edition, introduction et notes par André Joly, Genève/Paris, Droz.
- HORDÉ (1977), Tristan: "Les idéologues: théorie du signe, sciences et enseignement", *Langages*, 45, 42-66.
- JIMÉNEZ GARCÍA (1990), Antonio: "Las traducciones de Condillac y el desarrollo del Sensismo en España", *Actas del VI Seminario de Historia de la Filosofía Española*, Universidad de Salamanca, 253-281.
- JOLY (2004), André: "Introduction", vd. THUROT, François.
- JOLY (1977), André & STEFANINI, Jean (coords.): *La grammaire générale. Des modistes aux idéologues*, Publications de l'Université de Lille III, Villeneuve-d'Ascq.
- LACUEVA (1832), Francisco: *Elementos de gramática general con relación a las lenguas orales*, Madrid, Imprenta de D. J. Espinosa.
- LÉVIZAC (1822) [1797], Jean de: *L'art de parler et d'écrire correctement la langue française, ou Grammaire philosophique et littéraire de cette langue*, 2 vols., Paris, Rémont.
- MELO (1818), João Crisóstomo do Couto e: *Gramática filosófica da linguagem portuguêsã*, Lisboa, Impressão Régia.
- ROVIRA (1958), Mª del Carmen: *Eclécticos portugueses del siglo XVIII y algunas de sus influencias en América*, México, Colegio de México.
- SANTOS (2005), Maria Helena Pessoa: *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de Oitocentos*, 2 vols., Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, tese de doutoramento [policopiada].
- THUROT (2004) [1796], François: *Tableau des progrès de la science grammaticale (Discours préliminaire à l'Hermès de James Harris)*, Introduction et notes d'André Joly, Limoges, L'Harmattan.

